

HERANÇAS MATERIAIS DE UMA GUERRA: OS CEMITÉRIOS DO CONTESTADO, SUL DO BRASIL

MATERIAL INHERITANCE OF A WAR: THE CONTESTADO CEMETERIES, SOUTH BRAZIL

Jaisson Teixeira Lino*

Resumo: O artigo tem por objetivo expor alguns aspectos sobre a formação de cemitérios na região do Contestado, localizada na região do planalto sul brasileiro, onde ocorreu um conflito de grandes dimensões conhecido como Guerra do Contestado, entre 1912 e 1916, culminando com a morte de milhares de pessoas.

Palavras-chave: Guerra do Contestado. Cemitérios históricos. Arqueologia da morte.

Abstract: The paper aims to expose some aspects of the formation of cemeteries in the Contestado region, located in the southern plateau of Brazil, where there was a large conflict known as the Contestado War, between 1912 and 1916, culminating with the death of thousands people. Proposed here, an outline of the basic types of fields saints of the region, from the bibliography, contributing to possible archaeological and heritage research of the conflict.

Keywords: Contestado War. Historical cemeteries. Archaeology of the death.

* Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Chapecó SC.
E-mail: lino@uffs.edu.br

O cemitério, como morada dos mortos, constitui-se como um importante elemento sagrado da paisagem, marcando materialmente a memória daqueles sujeitos que contribuíram para as transformações da paisagem humana de uma determinada região. No cenário de uma guerra, se constituem no exemplo máximo dos resultados nefastos ocorridos de lado a lado, encontrando-se sua ocorrência, para o caso da Guerra do Contestado, em todos os lugares de abrangência direta ou indireta do conflito, como em campos de batalhas, redutos santos, margens da ferrovia, cidades e vilas. Bellomo apresenta a definição do cemitério cristão, que particularmente interessa a este artigo: “o cristianismo, com sua mensagem de ressurreição, criou uma nova concepção de como vencer a morte e preservar a memória dos mortos. Assim surgiram os cemitérios cristãos, sugestivamente também chamados ‘campos santos’”.¹

Entre 1912 e 1916, esta região foi palco de um grande conflito bélico, contrapondo, de um lado, os sertanejos² locais que se aglutinaram em redutos após serem vítimas de históricas espoliações de terras e, de outro, as forças armadas nacional e estaduais, mobilizando imenso contingente de tropas para uma região de difícil acesso. A chamada Guerra do Contestado resultou na morte de milhares de pessoas de lado a lado, surgindo desta forma uma infinidade de cemitérios dispersos pela paisagem.³



Figura 1 - Região do Contestado em destaque, no Estado de Santa Catarina.⁴ Fonte: Desenho de Elisana Reis da Silva.

Os cemitérios são espaços que refletem duplamente a memória dos mortos, por um lado, e as identidades dos vivos, por outro. Deste modo, configura-se como um importante elemento material passível de estudos da arqueologia, história, sociologia e antropologia, apenas para citar algumas áreas

do conhecimento. Para este artigo, interessa observar o potencial dos estudos arqueológicos e históricos para os campos santos da região de conflagração da Guerra do Contestado. Em termos diacrônicos, é importante salientar que, para este caso em particular, é interessante perceber a constituição dos cemitérios e os rituais a ele associados em longa duração, abarcando também cemitérios constituídos antes e depois do conflito, como por exemplo, alguns locais que foram sendo utilizados para depositar os operários que morreram trabalhando na construção ou manutenção da ferrovia São Paulo - Rio Grande, construída na região no início do século XX, conforme pode-se observar na imagem abaixo, que mostra detalhe de sepultura em cemitério às margens da ferrovia, no município de Pinheiro Preto, Santa Catarina:



Figura 2 - Cruz de ferro marcando sepultura de cemitério às margens da ferrovia São Paulo - Rio Grande, em Pinheiro Preto, Santa Catarina. Fonte: acervo do autor.

De acordo com Bellomo, os cemitérios fornecem muitas e variadas linhas de pesquisa, servindo como fonte de informação privilegiada nos estudos de cultura material, principalmente no que se refere aos aspectos sagrados das mais diversas sociedades. Esse pesquisador sistematizou os tipos de informações que provêm dos estudos cemiteriais, os quais resumem-se aqui da seguinte maneira: 1 - Etnicidade: detectar as origens étnicas de indivíduos ou famílias; 2 - Genealogia: observar as histórias e relações familiares no decorrer do tempo; 3 - Memória familiar: estudar a atuação da família junto às suas respectivas comunidades; 4 - Religiosidade: a presença de determinados

símbolos nas lápides permite investigar os conceitos cristãos e expectativas do pós-morte concebidos na relação entre vivos e mortos; 5 - Política: alguns indivíduos demonstram em seus túmulos filiações a partidos ou vertentes políticas; 6 - Arte: estudar as tendências artísticas de determinadas épocas a partir dos cemitérios; 7 - Economia: investigar as condições socioeconômicas de determinada sociedade ou indivíduo, e as relações de *status* advindas da ostentação (ou não) dos túmulos; 8 - Longevidade: levantar dados sobre as médias de vida das comunidades em geral e; 9 - Percepções sobre o morto: como a sociedade encara, classifica e entende a morte de entes queridos, registradas principalmente por meio do uso da escrita nos túmulos.⁵

CEMITÉRIOS DA REGIÃO DO CONTESTADO

Na região do planalto catarinense, muitos cemitérios do período histórico foram sendo instalados a partir da fundação das primeiras vilas, ainda no século XVIII. Têm-se poucos registros sobre os mesmos, havendo aí a tarefa de se buscar os remanescentes funerários dos primeiros processos de colonização da região. A grande maioria, muito provavelmente desapareceu soterrada pelo crescimento das diminutas comunidades, que em parte se transformaram em cidades. Entretanto, o fato valida a busca dos cemitérios por métodos arqueológicos, principalmente advindos da arqueologia urbana e da arqueologia de contrato, que, devido a obras dentro dos centros urbanos, podem localizar estes sítios em um contexto de subsuperfície.

Ademais, muitos outros cemitérios ainda são utilizados nos dias de hoje, com sepulturas contemporâneas convivendo com antigos jazigos. Outros ainda podem ser vistos esquecidos em meio a lugares abandonados, geralmente em áreas rurais, comuns na região em tela que, por muito tempo, possuiu características de povoamento disperso.

A bibliografia disponível apenas fornece de maneira residual informações sobre cemitérios anteriores ao período de conflagração da guerra. Contudo, trata-se de pistas para evidenciar o potencial dos estudos em espaços sagrados a partir de um ponto de vista da arqueologia da paisagem. Pode-se citar, a título de ilustração, a história da cidade de União da Vitória escrita por Cleto da Silva, que, a partir do acordo de limites, foi dividida em duas novas cidades, Porto União, no lado catarinense, e União da Vitória, no lado paranaense. Alguns dados sobre cemitérios estão presentes na obra de Cleto da Silva, cita-se a morte de dois homens por índios em 1882 na localidade de Chapéu do Sol e enterrados ali, onde foram colocadas grandes cruzes na margem de uma barranca.⁶ A rua onde estava localizado em 1897 o cemitério municipal também é mencionada, fornecendo pistas para a localização atual.⁷ Também por motivos de ataques dos índios “botocudos”, em 1906 na comunidade de

Vila Nova do Timbó, ocorreram algumas mortes (quantia não especificada) e os enterramentos foram realizados no mesmo local do ocorrido.⁸

Uma característica comum na cultura funerária do planalto meridional brasileiro era o enterro isolado na paisagem, geralmente situados em beira de caminhos, onde os viajantes acendiam velas e faziam suas preces ao finado que, às vezes, era um desconhecido. Segundo Luz⁹, esses sepultamentos eram identificados como de pessoas assassinadas. Em alguns casos, ocorria somente o erguimento de uma cruz no local da morte, inexistindo, portanto, o corpo ali inumado. Este autor ainda fornece informações sobre rituais funerários, que chama de “superstições”, como o hábito de colocar uma chave em cima do morto para impedir o inchamento, deixar barba e cabelos crescerem em respeito ao finado e nos momentos que antecedem o enterro, realizar cantorias e ingerir bebidas e fumo.

Em Stulzer encontra-se o relato das más condições de conservação do cemitério da vila de Canoinhas em 1911. Por meio de reivindicações, os religiosos do lugar receberam um terreno para acomodar a igreja e o cemitério, denotando a prática ainda presente de estes dois espaços sagrados ocuparem o mesmo lugar. Stulzer ressalta, ainda, que o cemitério antigo continuou em atividade, sendo limpo do mato que o cobria.¹⁰

Esses são apenas alguns exemplos de cemitérios históricos espalhados por todo o território, mostrando que na história de várias outras vilas e cidades, como Lages, Curitiba e Campos Novos, só para citar as mais importantes, serão encontradas muitas informações sobre a ocorrência de necrópoles.

Para o contexto da guerra entre os anos de 1912 e 1916, no entanto, possuem-se muitas menções aos cemitérios, que contribuíram para a transformação da paisagem cultural e que, com relação a conflitos bélicos, trata-se do principal legado de memória material deixado após o fim do conflito, servindo de lembrança física dos que morreram de parte a parte.

A guerra produziu seu primeiro cemitério em outubro de 1912, após a batalha do Irani. O resultado da refrega foram dezenas de mortos, tanto por parte dos caboclos quanto pelo lado da força policial paranaense. Dentre os mortos, estavam o líder caboclo José Maria e o capitão João Gualberto, enviado para comandar a repressão. Devido a uma profecia de José Maria, que preconizava que morreria em combate, mas em cem dias ressuscitaria junto com os companheiros mortos para formar o exército encantado de São Sebastião, seus colegas abriram uma cova e colocaram o corpo de José Maria, apenas cobrindo-o com algumas tábuas, para facilitar a ressurreição.¹¹ Ao que tudo indica, tempos depois (não foi possível determinar quanto tempo), o corpo recebeu uma sepultura definitiva, sendo coberto com terra e em sua superfície cercado com pedras e com a presença de uma cruz de madeira, que ainda hoje é visitada por muitos em Irani, nas proximidades do local do combate, conforme pode ser observado na Figura 3.¹² Segundo Luz, ainda no

ano de 1940 se acreditava na ressurreição do monge, que se daria a partir de sua sepultura, que naquela ocasião “estava saindo da cova e que seus pés, com os sapatos ainda novos, já estavam para fora da terra”.¹³ O depoimento do militar e farmacêutico Luiz Ferrante, colhido por Queiroz exibe a melhor imagem da sepultura do monge poucos dias depois do combate:

Atingido o local do combate, o farmacêutico avistou dezenas de cadáveres espalhados, meio decompostos, fuçados pelos porcos. Percebeu um buraco coberto de tábuas. Desceu do cavalo, levantou as tábuas, e deu com o corpo de José Maria ali deitado, em decomposição também. Nisto foi rodeado por meia dúzia de sertanejos de má catadura que lhe perguntavam o que fazia. Respondeu que olhava o monge que muitos estavam dizendo que ia ressuscitar. Mais tarde, ganhando a confiança desses homens e conversando com eles, diz que verificou que estavam verdadeiramente fanatizados pelo monge, acreditavam que ele era um santo, que ele fazia milagres de toda ordem, e que ia ressuscitar a qualquer hora.¹⁴

A citação acima, além de descrever em pormenor a primeira sepultura de José Maria, informa sobre o destino dos demais mortos no combate. A princípio, ficaram insepultos, à mercê das intempéries, da putrefação e da fome dos porcos, muito provavelmente aguardando também a ressurreição em conjunto com seu líder. No entanto, transcorrido mais tempo, os corpos foram enterrados em definitivo em uma vala coletiva, pois, naquele momento, seria impossível diferenciar os cadáveres e dar-lhes sepulturas individuais.¹⁵



Figura 3 - Possível local de cemitério do combate do Irani, município de Irani, Santa Catarina. Fonte: acervo do autor.

Há, contudo, algumas controvérsias sobre o destino final dos cadáveres. Equivocadamente, Stulzer escreve que o capitão João Gualberto foi enterrado no mesmo lugar que José Maria e os demais combatentes mortos, quando se sabe que seu corpo foi enviado para Curitiba, onde recebeu homenagens e honras militares e é, inclusive, considerado o patrono da polícia militar do Paraná.¹⁶ Em uma fonte há a informação de que os mortos do lado das forças policiais foram enterrados individualmente, formando, assim, um cemitério próximo ao local do combate¹⁷, enquanto Demerval Peixoto escreve que os militares mortos foram abandonados no campo de batalha.¹⁸ É provável que no local ocorra concomitantemente tanto cemitérios com enterramentos individuais quanto coletivos, o que poderá ser confirmado por estudos arqueológicos.

Os combates de 28 de dezembro de 1913 e 08 de fevereiro de 1914 em Taquaruçu resultaram numa grande quantidade de perdas de parte a parte, mas com muito mais mortos do lado caboclo. Restou, dentro do possível, enterrar os mortos de maneira improvisada, gerando cemitérios com poucos elementos materiais em sua superfície, fato comum, aliás, a todos os campos santos associados ao conflito. Após o segundo combate, os militares entraram no reduto¹⁹ e presenciaram dezenas de corpos espalhados, principalmente de mulheres e crianças. Os sertanejos, diante da derrota iminente, evacuaram e foram se estabelecer quilômetros adiante, fundando a cidade santa de Caraguatá. Como fugiram às pressas, os sertanejos não puderam enterrar seus

companheiros, deixando-os insepultos. Coube às forças do exército realizar os enterramentos, tanto dos caboclos quanto dos militares, encontrados no reduto destruído e no seu entorno.²⁰ Após a realização dessas atividades é que os batalhões regressaram a seus acampamentos nos campos do Espinilho. Deste modo, conclui-se que os mortos foram sepultados nas proximidades do reduto, muito possivelmente nos arredores imediatos do mesmo, já que, após o combate final, o lugar foi queimado.

Em Stulzer encontra-se a situação dos cadáveres dias depois do combate, descrita por um tal Frei Gaspar que visitou o local.²¹ De acordo com este religioso da ordem dos franciscanos, já tinham sido enterrados os mortos no combate quando da primeira visita. Na semana subsequente, o padre voltou a Taquaruçu e observou que vários corpos estavam descobertos, então, tratou de cobri-los permanentemente com mais terra.

As análises de Marli Auras e Delmir Valentini indicam que as atitudes perante a morte por parte dos caboclos mudaram com o decorrer do tempo. Exemplo disso seria a morte de um soldado que caiu prisioneiro no reduto de Taquaruçu durante o primeiro combate de fins de 1913. Diante da morte iminente, o militar teria pedido para ser enterrado sem seu fardamento, o qual foi atendido, tendo sido inclusive realizada uma cerimônia religiosa no ato de seu enterramento.²² A prática de exumar e retalhar os corpos dos inimigos levados a efeito pelos sertanejos se daria a partir das batalhas no reduto santo de Caraguatá. Entretanto, há pistas que essa prática se estendeu aos militares enterrados já em Taquaruçu, quando, tempos depois, os caboclos assentados em Caraguatá voltaram e desenterraram os soldados mortos.²³

Mas a prática de exumação e tentativa de destruição física dos corpos se dará de modo intenso após os primeiros entreveros na cidade santa de Caraguatá. Esses atos se revestem de tal complexidade que alguns pesquisadores conseguiram apenas se aproximar de uma explicação razoável, mas que, sem dúvida, envolvia uma série de elaborações simbólico-religiosas por parte dos sertanejos. Para aqueles que se detiveram a exaltar certas características “cruéis” dos caboclos, o desenterro dos corpos de militares foi mais um dos elementos usados para ressaltar a “selvageria” que reinava entre a gente do sertão catarinense. O caso de Caraguatá é exemplar e aqui descrito por Machado:

Foi neste combate de Caraguatá que se verificou, pela primeira vez, a prática de exumação dos cadáveres dos adversários. A tropa do exército enterrou seus mortos em cemitérios próximo a São Sebastião das Perdizes. Dois meses depois, durante a expedição do general Mesquita, os militares se defrontaram com a visão aterradora de identificar os cadáveres de seus camaradas exumados e picados a facão.²⁴

O cemitério militar de Perdizes contava com aproximadamente 26 corpos, que foram enterrados logo após os primeiros combates ocorridos a partir de 09 de março de 1914, contando, inclusive, com uma cerca que o delimitava.²⁵ O ato consistia em desenterrar e mutilar os corpos, para, posteriormente, serem deixados expostos à ação das intempéries e para servir de alimento para porcos e aves.²⁶ Alguns relatos indicam ainda ações eventuais de saque, como o corte dos dedos que portavam anéis²⁷ e o instrumento utilizado no trucidamento era o facão.²⁸ Alguns outros detalhes foram assinalados, como o ato de deixar os corpos de bruços e de se fazer o sinal da cruz em seus crânios com um facão.²⁹

Nota-se que as exumações e as posteriores inumações³⁰, possuem implicações importantes para análises arqueológicas dos cemitérios históricos, em primeiro lugar, deve dificultar a identificação de cemitérios intactos ou com relativo grau de conservação e organização. Em um segundo momento, a arqueologia poderá contribuir para as interpretações sobre o assunto, identificando espaços em que houve tais práticas e, conseqüentemente, a intensidade em que as mesmas ocorreram, além de examinar as ossadas em busca das marcas das ações de facões ou outros instrumentos e armas, como por exemplo, para confirmar ou refutar a ocorrência das marcas deixadas nos crânios descritas no parágrafo anterior.

Alguns pesquisadores tentaram entender as ações de profanação dos mortos, destacando-se quatro explanações: 1 - Luz adjudica as exumações ao fato de não se poder sepultar sujeitos profanos em um território sagrado, como era o espaço dos redutos;³¹ 2 - chamada de “atividade mágico-guerreira” por Queiroz que investe numa explicação sobre o objetivo de impor medo aos inimigos, que poderiam temer não receberem um sepultamento cristão e, portanto, não poderiam ascender ao céu;³² 3 – Monteiro segue outro caminho de discussão, compreendendo a morte e as conseqüentes inumações e exumações como inerentes ao complexo universo religioso caboclo e que essas atividades eram praticadas como se seguissem uma lei, neste caso, de ordem divina;³³ 4 - por fim, Espig também segue o viés religioso para entender que aos inimigos deveria ser interdito o acesso ao “exército encantado de São Sebastião” por meio dessas ações que não possibilitariam qualquer chance de ressurreição.³⁴ Poderia pensar-se seriamente em uma análise mais contextual para dar conta desse complexo tema da guerra e do tratamento dos mortos, incluindo, em uma mesma explicação, evidências tanto práticas quanto simbólicas, do porque se negar aos adversários um enterro cristão.

Interessante notar que esta atividade profanatória se estendeu também para aqueles sertanejos que foram acusados de traição. Ainda em Caraguatá, Paulo Pinheiro Machado a partir do estudo de depoimentos afirma que “os que eram suspeitos de colaborar ou “bombar” para o governo recebiam a morte sem direito a enterro cristão; seus corpos eram jogados no mato ou às margens do rio Timbó”, ou também poderiam ser prostrados em áreas distantes dos

redutos e abandonados até se reduzirem apenas aos ossos.³⁵ Teriam o mesmo destino aqueles sujeitos que resolvessem também enterrar os corpos ou os vestígios ósseos dos inimigos.³⁶

De outro modo, as inumações dos companheiros que tomaram em batalha receberam um tratamento especial, sendo, dentro das possibilidades do conflito, necessário que fossem enterrados de modo adequado, se tomando como tarefa importante que todos os corpos fossem identificados e que ninguém ficasse sem sepultura³⁷. De acordo com Douglas Teixeira Monteiro, o enterro cristão seria necessário para a futura ressurreição junto a José Maria, no exército encantado que daria a vitória final aos caboclos.³⁸ A relação dialética estabelecida entre a exumação dos adversários e a inumação dos colegas de fé e de guerra é explanada por esse autor da seguinte maneira:

Enfim, as práticas solidárias da inumação dos fiéis e da exumação dos infiéis são modos opostos e complementares de enfrentar a natureza inerente ao cadáver. Dar sepultura piedosa aos primeiros é um rito de purificação. Por ele, torna-se possível distingui-los dentro do destino comum que partilham com os demais. Dessa maneira, garante-se a continuidade e a integridade de um mundo do qual também fazem parte os vivos e as entidades celestiais e, principalmente, assegura-se aos que morrem, um lugar no Exército Encantado. Negá-la aos últimos, expelindo-os e entregando-os desprotegidos aos urubus, também é um rito pelo qual procura-se marcar de modo inequívoco a indelebilidade da impureza que carregam.³⁹

Parece que essa dicotomia inumação x exumação ainda poderá fornecer dados interessantes para a investigação arqueológica, pois há a tendência de que os cemitérios dos sertanejos estejam mais preservados e que este fato poderá contribuir para a diferenciação entre os dois tipos de ocorrência, podendo-se inclusive investigar relações identitárias nos campos santos, uma vez que os escritos históricos depõem a favor de uma separação rígida entre um e outro.

Quando Caraguatá foi finalmente ocupada, os militares notaram que o cemitério do reduto estava localizado ao lado da igreja.⁴⁰ Na emboscada à tropa do tenente Mattos Costa em 1914, os corpos de 10 ou 12 soldados mortos encontrados nas margens da ferrovia foram enviados para a cidade de União da Vitória, onde foram sepultados no cemitério municipal. O corpo de Mattos Costa foi enviado e enterrado em Curitiba, Paraná.⁴¹ Também em 1914, outro corpo insepulto encontrado trucidado foi o do tenente Antonio Pereira Campos, morto em emboscada. Neste caso, foi enterrado, ao que parece, em uma sepultura isolada e, portanto, fora da área de um cemitério, na comunidade de Vila Nova do Timbó.⁴²

Os combates nos redutos foram produzindo seus campos santos para a guarda dos corpos tanto dos sertanejos quanto dos militares e vaqueanos⁴³ que iam perecendo na frente de batalha. Segundo Soares, após os combates no reduto de Santo Antônio tratou-se de enterrar os mortos no mesmo local que as tropas estavam estacionadas. O relato do militar ainda menciona que uma missão exploratória foi designada para dar sepultura aos cadáveres dos caboclos que iam sendo encontrados nas matas adjacentes ao reduto destruído.⁴⁴ Por conseguinte, conclui-se que as batalhas neste reduto geraram pelo menos um cemitério coletivo, no caso, o dos militares, e diversas sepulturas isoladas, devido ao indicativo de que os sertanejos eram enterrados no mesmo local em que foram encontrados pelos militares.

O grande reduto de Santa Maria viu crescer enormemente os limites de seu cemitério devido à epidemia de tifo que se abateu sobre grande parte da irmandade.⁴⁵ De acordo com Marli Auras, “vinte a trinta corpos de fiéis de todas as idades eram, diariamente, levados ao improvisado cemitério”.⁴⁶ Dentro da área do próprio reduto havia, portanto, uma necrópole de grandes dimensões, a qual serviu de repouso para centenas de corpos e houve quem escrevesse que o cemitério crescia mais rapidamente que a área habitacional.⁴⁷ Consta também que Adeodato não permitia o sepultamento daqueles sujeitos que fossem mortos por traição, havendo o mesmo tratamento dado aos inimigos.⁴⁸ Dos falecidos em combate, tem-se notícia que os caboclos os enterraram no centro do quadro santo⁴⁹ e que os corpos eram resgatados na frente de combate e levados para o interior do reduto.⁵⁰ Do lado militar, os mortos foram inumados no próprio local do acampamento das tropas.⁵¹ Logo após a queda do reduto, os militares trataram de incendiá-lo, sem antes deixar de anotarem a existência do cemitério da comunidade próximo a algumas casas.⁵²

Em outros redutos também se tem o registro da existência de cemitérios. Frei Aurélio Stulzer escreveu sobre a visita de frei Rogério Neuhaus às tropas de Onofre Ribeiro na comunidade de Salseiro, onde o exército teria destruído um reduto. Na ocasião benzeu sepulturas de dois civis e um soldado que pereceram no conflito.⁵³ Na tomada militar ao reduto do Aleixo, as tropas avançaram sobre um cemitério localizado em uma das guardas avançadas, o que denota sua localização fora da área habitacional.⁵⁴ No reduto de Pedras Brancas os rebeldes mortos em combate foram enterrados no próprio espaço do reduto já destruído.⁵⁵

As descrições de ataques dos piquetes xucros⁵⁶ dos sertanejos renderam também algumas informações sobre a constituição de cemitérios. Stulzer narra à tentativa frustrada de invasão da vila de Canoinhas em 15 de julho de 1915, onde os sertanejos recuaram após o fracasso da ofensiva.⁵⁷ Posteriormente, bombeiros⁵⁸ da vila observaram sepulturas construídas na retirada dos sertanejos, no total de três conjuntos funerários, sendo um com três sepulturas, outro com 14 e um terceiro com 18 enterramentos. Outro piquete xucro, ainda

em 1915, foi vítima de um ataque em Capão Alto, quando tentava se aproximar de Lages. Na tentativa de contabilizar os mortos do lado caboclo, um religioso que testemunhou o evento narra que tal tarefa se revestia de certa dificuldade, uma vez que os corpos eram ocultados rapidamente, evidenciando-se o enterro rápido dos companheiros.⁵⁹

No fim do conflito, no início de 1916, centenas de pessoas provenientes dos redutos se entregaram ou foram aprisionadas pelas forças militares. Parte desse contingente foi entregue aos vaqueanos, como Juca Tigre e Pedro Ruivo, para serem fuziladas ou degoladas nas margens de estradas e rios nas cercanias de Canoinhas, onde seus corpos ficaram insepultos.⁶⁰ Anos depois, em 1926, ainda era possível ver na paisagem os restos mortais insepultos daqueles que viveram nos redutos:

O farmacêutico Alfredo Lemser, que esteve naqueles redutos após serem destruídos, contou-nos, ainda em 1926, que viu inúmeros cadáveres de homens, mulheres e crianças, insepultos naqueles agrupamentos, mortos por ferimentos e, em maior número, mortos de fome ou pelo tifo. Foi informado, naquelas localidades, que morreram mais pessoas assim vitimadas, do que as que perderam a vida em combate.⁶¹

A citação acima faz lembrar que, em uma situação de guerra, as mortes não são resultantes apenas de combates, mas também a fome e as doenças tiveram efeitos devastadores para os caboclos que viviam sob cerco constante e com dificuldades de manter certa salubridade nos redutos, onde, inclusive, ossos humanos podiam ser vistos expostos fora das áreas funerárias.⁶²

As forças repressoras trataram de maneira diferente os cadáveres de 167 caboclos mortos no combate do reduto de Perdizinha, que, após a execução por fuzilamento, tiveram seus corpos queimados com auxílio de grimpas de pinheiro.⁶³ Essa informação combina com a existência atualmente no antigo local do reduto, localizado no município de Lebon Régis, Santa Catarina, de estruturas feitas de pedras, com a mesma técnica empregada na construção de muros de taipa, com formato retangular e identificadas como crematórios⁶⁴, conforme imagem a seguir:



Figura 4 - Detalhe de estrutura de blocos de pedra, formando muro de suposto “crematório” em Lebon Régis, Santa Catarina. Fonte: acervo do autor.

Outras notas esporádicas sobre cemitérios foram mencionadas em contextos diversos da guerra: O corpo do aviador Kirk, que morreu devido à queda de seu avião, foi enterrado no cemitério de União da Vitória, em 1914;⁶⁵ Frei Rogério realizou em maio de 1915 uma cerimônia religiosa no cemitério de Canoinhas, em memória de um soldado morto na tentativa de uma invasão sertaneja no dia anterior; um piquete xucro invadiu a comunidade de São João dos Pobres a partir de seu cemitério;⁶⁶ a fazenda Rio Doce também foi atacada pelos rebeldes baseados no reduto de São Miguel, sendo o proprietário morto e enterrado na própria sede da fazenda.⁶⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos cemitérios continuaram a povoar a paisagem depois da guerra e merecem também pesquisas de cunho arqueológico, podendo-se observar as transformações ou permanências ocorridas nestes sítios antes, durante e depois do conflito. Muitos destes locais guardam antigos moradores das cidades santas, como aquele localizado na Serra da Esperança, mencionado por Delmir Valentini⁶⁸, e novos cemitérios em contextos urbanos foram sendo criados, como o de União da Vitória, inaugurado em 1918.⁶⁹ Um destes locais encontra-se na

comunidade de Taquaruçu, local do primeiro reduto da guerra, que guardam os corpos de moradores dos tempos da guerra, conforme imagem abaixo:



Figura 5: Cemitério da comunidade de Taquaruçu, Fraiburgo, Santa Catarina. Fonte: acervo do autor.

Ademais, grande parte dos campos santos constituídos a partir da Guerra do Contestado ainda pode ser encontrada, registrada e estudada, a partir de um ponto de vista dos estudos da arqueologia, em especial, da arqueologia da paisagem. Concorde-se com Silva,⁷⁰ quando diz que enquanto alguns cemitérios já são conhecidos, muitos outros ainda estão à espera para serem encontrados. Um militar que participou do conflito deixou um vivo retrato sobre a alteração da paisagem cultural causada pelos restos mortais logo após o término da guerra:

Vi, escondidos à sombra de frondosas árvores seculares, cemitérios improvisados em clareiras abertas em plena e densa mata virgem, em logares onde o homem jamais havia exalado o sôpro vigoroso de sua vida. Vi, à margem de caminhos mal abertos de cargueiros, ou exquisitos branquejando à luz do sol ou em noites luarentas, milhares de ossadas humanas, de homens, mulheres e crianças, trucidadas que foram a certo tiro de fusil, ou a aguçada ponta de sabre; a tiro de garrucha, ou a fio de faca ou facão, insepultas que ficaram para escárneo da civilização e

ludíbrio da humanidade; vitimas imoladas à luta fratricida, ou à perversidade inominável de chefotes de arraial.⁷¹

As mais diversas necrópoles se configuram como importantes espaços que contribuem na materialização da memória da Guerra do Contestado, juntamente com os demais sítios arqueológicos e históricos que possuem conexão com o tema. Vale-se aqui mais uma vez de Soares para evocar as estruturas funerárias como pontos de acesso a essa memória, sendo o resultado máximo e último de um conflito bélico de grandes proporções como o foi a Guerra do Contestado: “e um dia quando o tempo tiver passado e acalmado a dor, talvez os moços de hoje tornados então avós, conduzam pela mão os filhinhos e ajoelhados sobre túmulos, no ermo dos campos, com as mãos postas para o céu, relembrem por entre lágrimas doloridas a tragédia formidável, a luta dos seus antepassados.”⁷²

NOTAS

¹ BELLOMO, Harry Rodrigues. A arte funerária. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 13.

² Sertanejo é aqui entendido como o habitante da região, isto é, do sertão Contestado, também denominado a partir de sua composição étnica predominante, o caboclo. A despeito dos problemas dessa conceituação, utiliza-se aqui como significado de morador/moradora dos redutos e, portanto, participante do conflito.

³ Dentre a vasta bibliografia, sugere-se a consulta de Valentini (VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado*. 2. ed. Caçador: UNC, 2000.) e de Machado (MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.), que apresentam sínteses sobre o tema.

⁴ Trata-se de região que foi o epicentro do conflito do Contestado, que ganhou este nome devido à questão de limites envolvendo os Estados do Paraná e Santa Catarina pela posse destas terras, que foi somente resolvida em 1916, ou seja, após o fim da guerra.

⁵ BELLOMO, op. cit., p. 13-22.

⁶ SILVA, Cleto da. *Apontamentos históricos de União da Vitória (1768-1933)*. União da Vitória: ed. do autor, 1933. p. 39.

⁷ Ibidem, p. 72.

⁸ Ibidem, p. 88.

⁹ LUZ, Aujor Ávila. *Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos*. Florianópolis: EDUFSC, 1952. p. 67-69.

¹⁰ STULZER, Frei Aurélio. *A Guerra dos Fanáticos (1912-1916): a contribuição dos franciscanos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

¹¹ LUZ, op. cit., p. 97; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 113;

STULZER, op. cit., p. 41; VALENTINI, op. cit., p. 83; MACHADO, op. cit., p. 188.

¹² SUREK, Cristina Luiza Czerwonka. Um olhar sobre o Contestado – Percepções de viagem; SILVA, Adnilson de Almeida. Contestado – Territorialidades e contradições na modernidade: uma reflexão perturbadora para os nossos dias; PINTO, Roberto Carlos. Conflito pela vida em terras do Contestado. In: FRAGA, Nilson Cesar (Org). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009. p. 30-31, p. 50 e p. 105-106.

¹³ LUZ, op. cit., p. 174.

¹⁴ QUEIROZ, op. cit., p. 113.

¹⁵ SUREK, op. cit., p. 30; PINTO, op. cit., p. 104-105.

¹⁶ STULZER, op. cit., p. 40.

¹⁷ SOARES, J. O. Pinto. *Guerra em sertões brasileiros: do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931. p. 28.

¹⁸ PEIXOTO, Demerval. *Campanha do Contestado: raízes da rebeldia*. v. 1. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. p. 97.

¹⁹ O reduto foi o local onde os sertanejos construíram suas vilas santas, vivendo em comunhão, morando-se e expressando sua religiosidade por meio de rituais diários. Estas vilas foram alvo dos ataques militares a partir do final do ano de 1913.

²⁰ SOARES, op. cit., p. 39; LUZ, op. cit., p. 111.

²¹ STULZER, op. cit., p. 50.

²² AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Ed. UFSC: Assembléia Legislativa; São Paulo: Cortez Editora e Livraria, 1984. p. 82. VALENTINI, op. cit., p. 106.

²³ PEIXOTO, op. cit., p. 116.

²⁴ MACHADO, op. cit., p. 223.

²⁵ QUEIROZ, op. cit., p. 211-212.

²⁶ D'ASSUMPTÃO, Herculano Teixeira. *A campanha do Contestado*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917. p. 77; SOARES, op. cit., p. 40; LUZ, op. cit., p. 116; QUEIROZ, op. cit., p. 211-212; STULZER, op. cit., p. 56; PEIXOTO, op. cit., p. 127; VALENTINI, op. cit., p. 111; MACHADO, op. cit., p. 223.

²⁷ PEIXOTO, op. cit., p. 127.

²⁸ SOARES, op. cit., p. 40.

²⁹ QUEIROZ, op. cit., p. 211-212.

³⁰ Segundo Queiroz (QUEIROZ, op. cit., p. 211), no cemitério de Perdizes “ficaram os corpos ao tempo, até que mais tarde voltou outra força legal, que andou tentando reunir ossos esparsos”.

³¹ LUZ, op. cit., p. 116.

³² QUEIROZ, op. cit., p. 211-212.

³³ MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. p. 144-145.

³⁴ ESPIG, Márcia Janete. *A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado*. Dissertação (Mestrado em História), UFRGS, Porto Alegre, 1998, p. 107.

- ³⁵ MACHADO, op. cit., p. 223.
- ³⁶ QUEIROZ, op. cit., p. 211-212; MONTEIRO, op. cit., p. 144-45; PEIXOTO, op. cit., p. 14.
- ³⁷ AURAS, op. cit., p. 92.
- ³⁸ MONTEIRO, op. cit., p. 146.
- ³⁹ Ibidem, p. 146.
- ⁴⁰ SOARES, op. cit., p. 68.
- ⁴¹ SOARES, op. cit., p. 93; SILVA (1933), op. cit., p. 120; STULZER, op. cit., p. 76-78; PEIXOTO, op. cit., p. 161-163.
- ⁴² SOARES, op. cit., p. 52; PEIXOTO, op. cit., p. 139.
- ⁴³ O termo vaqueano era já conhecido antes do conflito, para designar o sujeito conhecedor do sertão, com habilidades para guiar os mais diversos visitantes da região. No conflito, foram utilizados com esta finalidade, somada com a função militar, onde foram criados diversos batalhões de vaqueanos e que tomaram parte nos combates contra os sertanejos (VALENTINI, op. cit., p. 128).
- ⁴⁴ SOARES, op. cit., p.57-59.
- ⁴⁵ VALENTINI, op. cit., p. 167.
- ⁴⁶ AURAS, op. cit., p. 125.
- ⁴⁷ PEIXOTO, op. cit., p. 50.
- ⁴⁸ QUEIROZ, op. cit., p. 270; AURAS, op. cit., p. 144.
- ⁴⁹ Os quadros santos situavam-se na área central dos redutos, compondo-se de praça em forma de quadrado, igreja e quatro cruzeiras instaladas em cada canto do quadrado. Neste local, ocorriam às formas, os rituais religiosos dos sertanejos (LUZ, op. cit., p. 152).
- ⁵⁰ SOARES, op. cit., p. 59.
- ⁵¹ Ibidem, p. 61.
- ⁵² QUEIROZ, op. cit., p. 259; AURAS, op. cit., p. 140.
- ⁵³ STULZER, op. cit., p. 84-86.
- ⁵⁴ LUZ, op. cit., p. 162.
- ⁵⁵ LUZ, op. cit., p. 168; STULZER, op. cit., p. 155.
- ⁵⁶ Os piquetes xucros eram expedições organizadas pelos sertanejos, na qual um grupo de homens realizava incursões à cavalo na região, seja para buscar aprovisionamentos, seja para atacar seus inimigos.
- ⁵⁷ STULZER, op. cit., p. 64.
- ⁵⁸ Os bombeiros eram os espíões sertanejos, que tinham a função de “bombear” informações sobre as posições inimigas. Muitas vezes, disfarçados de comerciantes, se infiltravam em meio às tropas, facilitando a obtenção de importantes informações (VALENTINI, op. cit., p. 129).
- ⁵⁹ STULZER, op. cit., p. 143.
- ⁶⁰ LUZ, op. cit., p. 127-128; QUEIROZ, op. cit., p. 249.

⁶¹ CAVALCANTI, Walter Tenório. *Guerra do Contestado: verdade histórica*. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 131.

⁶² D'ASSUMPÇÃO, op. cit., p. 79.

⁶³ AURAS, op. cit., p. 149; CAVALCANTI, op. cit., p. 93.

⁶⁴ FRAGA, op. cit., p. 18; SUREK, op. cit., p. 28-29; CURY, Mauro José Ferreira. Uma reflexão sobre o território do Contestado. In: FRAGA, Nilson Cesar (Org.). *Contestado: o território silenciado*. Florianópolis: Insular, 2009, p. 63; PINTO, op. cit., p. 105.

⁶⁵ SILVA (1933), op. cit., p. 123.

⁶⁶ MACHADO, op. cit., p. 264.

⁶⁷ VALENTINI, op. cit., p. 122-123.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 88.

⁶⁹ SILVA (1933), op. cit., p. 150.

⁷⁰ SILVA (2009), op. cit., p. 50.

⁷¹ SOARES, op. cit., p. 128.

⁷² *Ibidem*, p. 113.

Artigo recebido em novembro de 2012. Aceito em dezembro de 2012.